



LE PEN E VENTURA: A HIPOCRISIA DA EXTREMA-DIREITA

Rede Unitária Antifascista

Será um orgulho enorme ter a Marine Le Pen ao meu lado em Lisboa”, declarou André Ventura ao Jornal de Notícias. Marine Le Pen que, desde 2011, é a líder da Frente Nacional de França (agora Reagrupamento Nacional) e a cara da extrema-direita francesa. A 26 de Julho, o Chega integrou-se oficialmente no círculo da extrema-direita europeia, em comunhão autoritária com Matteo Salvini e Marine Le Pen, no grupo Identidade e Democracia (ID), e recorre agora a essas alianças para catapultar a sua candidatura à presidência da República em Portugal, unindo esforços em torno do projeto de normalização e fortalecimento da extrema-direita na Europa, com políticas autoritárias e fascistas, inflamadas por discursos populistas.

Em França, ataques aos imigrantes são a prática mais comum da líder da ex-FN: num destes ataques, Le Pen, pede ao Governo que “suspenda a concessão de vistos a argelinos para evitar um fluxo migratório”. Marine deve estar esquecida dos 14 países africanos que são obrigados, por meio de um pacto colonial, a colocar 85% das suas reservas estrangeiras no banco central francês sob o controle do Ministro das Finanças francês. Cerca de 13 países

africanos ainda têm de pagar a dívida colonial à França. Apesar de a França arrecadar cerca de 500 mil milhões de dólares da África em seu tesouro ano após ano, a senhorita peca por cuspir nos povos oriundos do continente que nunca deixou de alimentar a “Pátria Francesa”. A manipulação de discurso, também uma característica inerente dos (anti)-anti-sistema, também é uma ferramenta amplamente usada, como quando veio dizer que França não deveria incluir o ensino de Português no plano público, pois não teria que ser “despesa de Estado” ensinar a língua de origem a imigrantes, apesar de o ensino da língua portuguesa em França ser financiado pelo Governo português, sem custos para a Educação nacional francesa. Foi também o partido de Le Pen que, em 2015, vandalizou um clube português no sudeste de Paris, com frases como “Morte aos portugueses”, acompanhadas da cruz suástica.

Já em Itália, Matteo Salvini deixou pessoas morrer, em alto mar, com os seus filhos ao colo; pessoas que fogem das guerras onde o principal culpado é a mesma Europa que não os deixa entrar. Se isto não é segregação racial, então não sabemos o que poderá ser.

E aqui encontra-se André Ventura, que se diz “o líder dos Portugueses que são pelo bem, por Deus”. É assim que André vai lutar pela independência de Portugal à subserviência europeia? É gritante a hipocrisia da extrema-direita; e personagens como Ventura e Le Pen são um insulto a todos os trabalhadores migrantes que todos os dias deixam nos países de destino a maior parte do valor de seu trabalho.

Sabemos que as presidenciais de 2021 vão ser usadas pela extrema-direita como ferramenta para dar mais alcance aos seus ideais fascistas. Ora, como pessoas que lutam por construir um mundo mais seguro, justo, igualitário e livre de preconceitos, estamos conscientes da urgência em combater a normalização de discursos populistas e fascistas, em Portugal e no mundo, que monopolizam as desigualdades e o preconceito, ludibriam milhares de pessoas e alienam a classe trabalhadora.

Por este motivo, convidamos toda a gente a sair à rua no dia 10 de janeiro, para darmos a melhor péssima recepção aos fascistas Le Pen e Ventura. Que nos ouçam a alto e bom som: FASCISMO NUNCA MAIS. NÃO PASSARÃO!

NEM MARCELO NEM VENTURA

Rede Unitária Antifascista

As eleições presidenciais em Portugal representarão uma nova possibilidade para a extrema-direita proto-fascista ganhar força e alento e a esquerda com a sua divisão parece apostada em contribuir para essa hipótese.

A esquerda parlamentar que passou os últimos cinco anos amarrada às políticas do governo que levaram, pelos seus efeitos negativos, ao ressurgimento da extrema-direita no país cai agora no erro de não levar a sério a disputa presidencial apenas lançando candidaturas para marcar território.

Perante uma política do Governo de contínuo apoio aos grandes empresários e banqueiros do país e falta de apoios aos trabalhadores e pequenos empresários do país durante a pandemia, tem elevado o grau de desespero destes últimos. Sem oposição à esquerda que lute pelas demandas destes sectores desesperados eles voltam-se para as saídas autoritárias e de incentivo ao ódio da extrema-direita.

Um primeiro sinal disso foram os resultados eleitorais para o parlamento regional dos Açores, só assobia para o lado quem quiser. Mas se de um lado temos o Governo e os seus apoiantes à esquerda a dar gás à extrema-direita, agora temos o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e o PSD a colocar fogo nesse gás. O PSD legitimando a política proto-fascista do Chega para chegar, a todo o custo e sem princípios, ao poder e Marcelo não só dando o visto bom como patrocinando o acordo.

Marcelo mostra que toda a sua estratégia é trazer a direita ao poder nem que seja com a extrema-direita atrelada e demonstrando aos iludidos com os retratos fotográficos contínuos que os afectos dele são com o grande capital. O primeiro ministro, António Costa, que para manter a burguesia na mesma sala de refeição que a esquerda parlamentar precisa da unidade com



“Perante este cenário as esquerdas, que se opõem às duas direitas, tinham a oportunidade de apresentar uma candidatura conjunta que certamente geraria o ânimo necessário nas massas populares.

Marcelo e apoia a recandidatura deste. Chegados há um ano atrás tínhamos duas candidaturas: a da extrema-direita e a da direita que coopera com aquela.

Perante este cenário as esquerdas, que se opõem às duas direitas, tinham a oportunidade de apresentar uma candidatura conjunta que certamente geraria o ânimo necessário nas massas populares para se fazer frente a dois desafios: obrigar Marcelo a uma segunda volta e não permitir a disputa do segundo lugar por parte de Ventura. No entanto, a disputa do seu território à esquerda é mais relevante do que o objectivo político de derrotar a direita e os proto-fascistas.

A incapacidade de enxergarem o mal estar, a ansiedade e a confusão que gerarão na massa trabalhadora, irá provavelmente traduzir-se em que de três candidaturas apenas uma consiga se colocar por diante do proto-fascista. A concretização desta hipótese será um

balde de desânimo lançado sobre a esquerda e activistas, justo agora que a extrema-direita têm saído derrotada internacionalmente em eleições nos EUA e no Brasil. A unidade da esquerda em Portugal parece ser relativamente fácil para se apoiarem políticas austeritárias do Governo mas impossível quando é impreterível o combate por princípios de valores democráticos, sejam de liberdade, económicos ou sociais.

A Frente Unitária Antifascista lamenta profundamente que a unidade necessária para uma candidatura de esquerda pela solidariedade, pela fraternidade, pela liberdade do povo trabalhador não tenha sido o critério fundamental para combater a direita e a extrema-direita e o resultado poderá ser desastroso.

Nem Marcelo, nem Ventura. Candidatura de esquerda única.

ROSA LUXEMBURGO

Rosa Luxemburgo nasceu no dia 5 de março de 1871 em Zamosc, Polónia (região na época pertencente ao Império Russo). Ativista, lutou por todas as minorias e os oprimidos, trabalhadores e mulheres especialmente, mas também por negros e judeus, sendo ela mesma judia.

Em 1894 fundou o Partido Social Democrata da Polónia (SDKP). Em 1898, mudou-se para a Alemanha, o centro da luta de classes da época. Instalada em Berlim, passou a militar

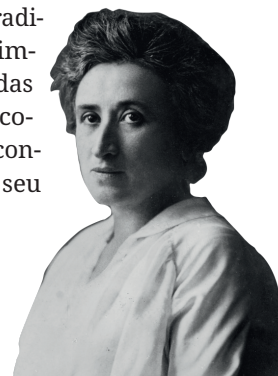
no Partido Social Democrata Alemão (SPD). No ano seguinte, em 1899, publicou a sua primeira obra, “Reforma Social ou Revolução?”, ensaio onde critica aqueles que esperam alcançar o socialismo por meio de iniciativas institucionais e pacíficas.

Embora apoiasse o reformismo como um meio, acreditava que o objetivo final só seria conseguido com a revolução. A fracassada revolução russa de 1905 fez nascer em muitos a esperança de que seria dos países de leste que partiria a centelha da revolução mundial.

Retornando a Varsóvia, Rosa foi presa e durante três meses esteve ameaçada de morte. De regresso à Alemanha, começa a defender a teoria de greve das massas como instrumento de luta revolucionária.

Com o início da Primeira Guerra Mundial, declarou-se contra o conflito durante um congresso do Partido Socialista. A crise gerada pela guerra facilitou a difusão dos ideais socialistas entre o proletariado urbano. Os sindicatos, que estavam ligados ao “Partido Social Democrata”, fortaleciam-se e as posições políticas no país radicalizaram-se

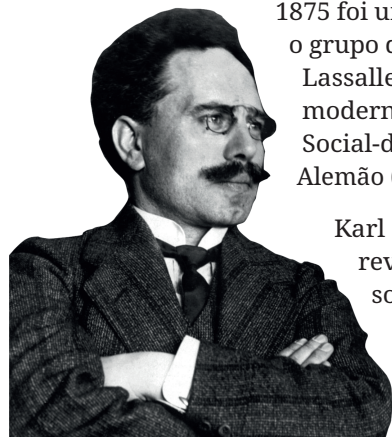
Em 1913, publicou a sua obra mais importante “A Acumulação do Capital”, onde analisou as contradições do capitalismo imperialista, em função das quais estes não têm como gerar por si só as condições necessárias ao seu desenvolvimento.



Karl Liebknecht nasceu em Leipzig, na Alemanha, no ano de 1871. Ele era filho de Wilhelm Liebknecht, um socialista amigo de Karl Marx, que fundou a Primeira Internacional na Alemanha e juntamente com August Bebel o Partido dos Trabalhadores Social-democratas da Alemanha, o qual em

1875 foi unificado com o grupo de Ferdinand Lassalle para criar o moderno Partido Social-democrata Alemão (SPD).

Karl Liebknecht revolucionário socialista foi



membro da ala esquerda do SPD e a partir de 1912, deputado no Reichstag (Parlamento alemão)

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, Karl Liebknecht adotou uma postura pacifista, consistente com os ideais internacionalistas que o socialismo vinha defendendo. Preso em 1916 durante uma manifestação contra a guerra em Berlim, permaneceu na prisão até que a revolução de 1918, que derrubou o imperador Guilherme II, lhe devolveu a liberdade.

No entanto, recusou-se a entrar no governo que formou a maioria social-democrata sob a presidência de Friedrich Ebert e juntamente com Rosa Luxemburgo, dividiu o partido, formando a ala esquerda, designada por

KARL LIEBKNECHT

Liga Spartaquista, a partir de 1919 transformada no Partido Comunista Alemão ou KPD. Este grupo, inspirado no modelo revolucionário desenvolvido por Lenine na Rússia, liderou a sua própria revolução em 1919 contra o governo republicano de F. Ebert; a feroz repressão ao movimento foi realizada pelo exército alemão, reforçado com voluntários monárquicos, tanto assim que Karl Liebknecht foi assassinado no seu rescaldo.

A ORIGEM DO PARTIDO COMUNISTA ALEMÃO

Em 1916, socialistas mais radicais, liderados por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, formaram o grupo Spartacus – que deu origem ao “Partido Comunista Alemão”.

Ainda em 1916, Rosa de Luxemburgo expôs na obra “A Crise da Social Democracia”, as bases teóricas da Liga Spartaquista. Apoiou a Revolução de 1917, mas logo depois opôs-se à forma como esta era conduzida por Lenine, tornando-se uma severa crítica do Bolchevismo. A sua oposição à guerra valeu-lhe a prisão.

Libertada em novembro de 1918, logo no mês seguinte e Rosa Luxemburgo e

K. Liebknecht fundam o “Partido Comunista Alemão” liderando um levantamento armado contra o governo. Os Spartaquistas tomaram Berlim, com a ajuda de soldados e marinheiros amotinados, mas a revolução falhou. Em consequência da repressão que se seguiu à insurreição spartaquista, que ela mesma considerou prematura, Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht foram presos e executados a 15 de janeiro de 1919.

A FUA AGORA É RUA

Rede Unitária Antifascista

Nas últimas semanas, a Frente Unitária Antifascista esteve envolvida numa crise interna, com discussões que por vezes transbordaram dela, muitas vezes de forma enfiada. Tudo isto devido a um lamentável e evitável episódio de machismo por um elemento da coordenação, seguido do sequestro dos nossos meios de comunicação, quando o dito elemento se recusou a retratar o seu comportamento e por isso decidiu abrir uma guerra contra a mesma FUA que ajudou a criar, acabando por se apropriar de todos os nossos meios de comunicação e eliminá-los. Uma vez que têm sido muitas as falsificações espalhadas a nosso respeito, vemo-nos na obrigação de esclarecer o sucedido e a primeira coisa que nos cabe dizer é que a FUA não desapareceu nem implodiu - a FUA transformou-se, e é a partir de hoje RUA - Rede Unitária Antifascista.

Desde dia 16 de Dezembro, qualquer comunicação recebida pelo e-mail frenteunitariaantifascista@gmail.com, bem como as publicações no nosso site, Facebook, Instagram ou Twitter (entretanto reconvertido pelo camarada em AIM - Portugal) são da responsabilidade exclusiva do camarada em questão. Consideramos que o sequestro dos meios de comunicação da FUA e quaisquer acusações sobre partidos e ativistas individuais dentro e fora da FUA foram cortinas de fumo lançadas para que não se discutisse o problema central: o caso de machismo.

Face a estes acontecimentos, a Coordenação da FUA concordou que só uma Assembleia Geral Extraordinária teria legitimidade para resolver a

crise instalada. Em vez de procurar resolver a questão de forma democrática, o camarada não quis apresentar-se na AGE que ele mesmo reclamara e decidiu demitir-se na noite anterior, levando consigo o Núcleo Antifascista da Feira da FUA, e mantendo consigo os meios de comunicação que não lhe pertencem e fugindo da responsabilização pelos seus atos.

Em AGE, os atos do camarada foram aferidos e discutidos. O parecer da Comissão de Ética, que determinou serem inaceitáveis as atitudes machistas do camarada, foi aprovado por unanimidade. Até ao fim da AG, decidiu-se dar a oportunidade ao camarada de devolver finalmente os acessos a todas as redes, mas ao nosso pedido o camarada respondeu com a desativação das páginas nas redes sociais, bem como a eliminação do website da FUA. A página do Twitter da FUA foi ainda convertida numa página do Alternative International Movement em Portugal, capitalizando abusivamente os seguidores que têm ajudado a construir o movimento nas redes sociais.

O camarada tem-se dedicado a mascarar as suas ações através da descredibilização da FUA, afirmando que o problema é a existência de militantes de partidos que controlam o nosso movimento. As afirmações do camarada não só são completamente falsas, como demonstram um total desrespeito pelas dezenas de ativistas que constroem o movimento. O camarada afirmou ainda no Twitter, com a NOSSA conta, que vários núcleos saíram da FUA, quando, na verdade, o único núcleo que saiu da FUA



foi o Núcleo Antifascista da Feira, dirigido pelo próprio. Afirmou ainda que foram as pessoas que constroem a FUA que a implodiram, quando foi ele quem nos retirou o acesso e apagou as nossas redes, não nos deixando outra opção que não recriar a FUA, agora RUA.

Felizmente, o Movimento Antifascista em Portugal é mais do que uma página nas redes sociais. Por isso, decidimos em Assembleia Geral aproveitar este triste incidente para dele retirar aprendizagens, experiência, e acima de tudo para o melhorar.





Apresentamos então um movimento mais unido, democrático e livre: a Rede Unitária Antifascista - RUA. Comprometemo-nos a continuar a luta antifascista da forma mais limpa e transparente possível, focando-nos agora no importante momento que se avizinha: as Eleições Presidenciais de Janeiro de 2021. É na campanha contra a candidatura da extrema-direita que nos queremos concentrar. A Rede Unitária Antifascista assume o compromisso de travar esta batalha de forma democrática e justa, mantendo sempre os valores que nos caracterizam.

Este é a versão encurtada do comunicado. Podes ler a versão completa no nosso site em antifascistas.pt

O FASCISMO COMBATE-SE NA RUA

A RUA pauta-se pela unidade e organização na ação contra o fascismo, machismo, racismo, xenofobia, LGBTQ+fobia e todas as outras formas de opressão. Junta-te a nós.

CONTACTA-NOS

-  [fb.com/Redeunitariaantifascista](https://www.facebook.com/Redeunitariaantifascista)
-  [@redeunitariaantifa](https://www.instagram.com/redeunitariaantifa)
-  www.antifascistas.pt
-  [redeunitariaantifascista@protonmail.com](mailto:redunitariaantifascista@protonmail.com)